

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

A aposta do PT

Os petistas acreditam que as entregas do governo serão suficientes para consolidar o retorno do partido ao coração do poder sem precisar depender muito do Centrão para 2026. Afinal, foi assim no passado ao ponto de Lula conseguir eleger Dilma. Esse é o receio dos aliados que hoje se veem colocados de lado no governo.

A carta da paz

A carta em que o ex-secretário executivo do Ministério das Cidades Hildo Rocha agradece ao ministro Jader Filho e pede exoneração foi a saída que os emedebistas encontraram para tentar tirar os holofotes de uma briga interna do MDB.

Não dê motivo

No partido de Michel Temer, há a certeza de que, se a ala que deseja permanecer no governo começa a se desentender, os governistas perdem fôlego. E, pelo menos até que se tenha alguma luz sobre 2026, não dá para largar o barco de Lula.

E o Centrão, hein?

O ministro do Esporte, André Fufuca, tem dito a amigos que começou o ano sem restos a pagar para tentar liberar no seu ministério. Agora, resta garantir as verbas de 2024 no Congresso. Será mais um jogo de empurra.

Atropelos e desconfianças

Para quem tem planos de se manter no poder por mais alguns mandatos, o PT e o governo começaram cedo a cutucar os aliados, em especial, o PSB e o MDB. E, muitos avisam que, se nada for feito, a resposta será dada no painel de votações no futuro próximo. Em um ano, o PSB perdeu o Ministério de Portos e Aeroportos e a Justiça e até aqui foi compensado com a criação do Ministério da Micro e Pequena Empresa. O MDB, fundamental para Lula vencer em 2022, é visto com desconfiança, desde que promoveu o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

No MDB, a ala que defende o rompimento com o governo pretende usar as falas de Lula contra o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, e o movimento de tirar Marta Suplicy do partido como argumentos para buscar o afastamento. A turma avessa ao PT ainda não tem poder de fogo para romper de vez, mas promete fazer barulho em 2024. No PSB, desde que Eduardo Campos saiu candidato a presidente, em 2014, os petistas têm uma certa desconfiança em relação ao aliado. Até aqui, Lula seguiu todos na cessão de cargos e muita lábia. Mas nada está tranquilo na sua base.



CURTIDAS

Tribuna vai virar palanque/ Com quatro deputados federais pré-candidatos a prefeito de São Paulo, a tribuna da Câmara será o espaço para lançar propostas. É lá que Guilherme Boulos (PSol), Tábata Amaral (PSB), Kim Kataguiri (União Brasil) e Ricardo Salles (PL) vão debater antes de a corrida começar oficialmente.

O mantra de Ciro Nogueira/ De olho no cenário nacional como um todo, Ciro Nogueira não se cansa de repetir aos amigos que o PT continua errando: "Eles estão cometendo o mesmo erro que nós cometemos. Passamos quatro anos falando de Lula. Eles falam diariamente do presidente Bolsonaro".

Marcos Oliveira/Agência Senado



Moro e Randolfe/ O líder do governo no Senado, Randolfe Rodrigues (foto), respondeu assim à frase de Sergio Moro no antigo Twitter: "Caro colega Moro, poderia me ajudar a elucidar se o ministro Lewandowski mandou prender e tirou da disputa eleitoral de 2022 o candidato Bolsonaro para favorecer o atual presidente em troca de cargo no Ministério?" Moro havia dito que aceitar cargo em ministério não é e nem nunca deveria ter sido motivo de suspeição.

ESPLANADA

Desafios de Lewandowski

À frente da Justiça e da Segurança Pública, o ministro aposentado do Supremo chega com prestígio para tocar uma das pastas mais relevantes do governo Lula. Combate ao crime organizado é uma das missões

» RENATO SOUZA

Marcelo Camargo/Agência Brasil

Em 1990, o ministro aposentado Ricardo Lewandowski ingressou pela primeira vez na magistratura, como juiz do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo. Um ano antes, foi presidente da Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo (Emplasa). Ou seja, desde seu último cargo em um governo, fora dos tribunais, já se passaram 35 anos. Agora, aos 75 anos, ele tem o desafio de tocar uma das pastas mais visadas e relevantes do Poder Executivo federal.

Lewandowski ficou conhecido nos corredores do Supremo Tribunal Federal (STF) — Corte que ele ocupou por 17 anos — por sua longa experiência no direito, posições fortes e sem receio em tomar decisões importantes, mesmo que desagrassem à maioria das pessoas. Agora, será o responsável por conduzir a política criminal, ações do governo no sistema penitenciário, atuar na área de direito do consumidor e nos crimes interestaduais, definindo diretrizes de gestão na área de segurança.

No Supremo, costuma-se dizer que todos que ocupam ou ocuparam uma das cadeiras da Corte são "os ministros de hoje e de sempre", pois mesmo aposentados, ou já falecidos, deixam seu legado, formam jurisprudência, mantêm seus entendimentos por meio de decisões monocráticas ou votos colegiados, além dos discursos. No entanto, Lewandowski terá de aposentar de vez a carreira e a posição de magistrado e vestir a camisa de gestor. É dessa forma que avaliam especialistas na área de segurança pública e do direito ouvidos pelo



Depois de 35 anos na magistratura, Lewandowski vai conduzir a política criminal e ações do governo no sistema penitenciário

Correio sobre a troca de gestão na pasta, com a saída de Flávio Dino e a chegada do ministro.

O ministro Dias Toffoli, do STF, afirmou que Lewandowski "será maior que o cargo que ocupa". No entanto, apesar das palavras do magistrado, uma má gestão na área de segurança pode balançar o próprio governo, a exemplo do que ocorre atualmente no Equador, onde facções criminosas, sustentadas pelo

tráfico de drogas, tentam derrubar as instituições e conseguem até mesmo a renúncia de autoridades por meio de ameaças.

A pasta da segurança pública é considerada estratégica tanto no sentido social quanto eleitoral. A segurança é uma das principais preocupações dos eleitores quando vão às urnas. E, atualmente, de acordo com recente pesquisa do Atlas Intel, 36% dos brasileiros avaliam

como positiva a gestão do governo na segurança pública.

Desafios

O vice-presidente do Sindicato dos Policiais Penais de Minas Gerais (SindPen), Wladimir Dantas, destaca que o novo ministro não encontrará um cenário fácil. "É uma pasta muito importante para toda a segurança pública, toda a população. O desafio será

muito grande. Estamos vivendo momentos muito conturbados e complicados acerca da segurança não só aqui em Minas Gerais quanto em todo o país. Precisa de muito aporte financeiro, de compra de equipamentos e contratação de pessoal. É necessário colocar equipe especializada", afirma.

"Não pode ser uma política voltada apenas para o preso, mas, sim, para todos, os agentes

de segurança, as polícias. Dentro dos presídios, por exemplo, não existe ressocialização, recuperação de detentos sem garantir a construção de novas unidades prisionais, pois muitas estão sucateadas. O ambiente insalubre prejudica a todos, inclusive o policial penal, que fica em ambiente insalubre. Além disso, é preciso de mais pessoal, de melhores condições de trabalho. O salário está baixo e governadores querem retirar benefícios em muitos estados", completa Wladimir.

Renato Ribeiro de Almeida, doutor em direito do Estado pela Universidade de São Paulo, mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Mackenzie, afirma que por ter sido ministro da Suprema Corte, Lewandowski chega com elevado prestígio na pasta. "Existe também a simbologia, que é trazer alguém tão respeitado para dentro do governo. Assim como é simbólico ter o Silvío Almeida como ministro dos Direitos Humanos, é simbólico também ter Lewandowski, que já foi presidente do STF, à frente do Ministério da Justiça", diz.

Ele ressalta que a diferença deve vir da equipe que será montada, que deve ser altamente capacitada, para conseguir atender as expectativas. Renato cita Manoel Carlos Neto, pós-doutor em direito constitucional pela USP, que está sendo cotado para ser o número dois do ministério na nova gestão. "E ele vai ter liberdade para montar sua equipe. Eu acho que é natural cada um que entra montar o seu time. Eu tenho acompanhado que o doutor Manoel Carlos seria o possível secretário executivo, excelente, muito capacitado", completa.

Colaborou Aline Brito